

# Efésios

Introdução  
e comentário

Francis Foulkes



·SÉRIE CULTURA BÍBLICA· VIDA NOVA



## CONTEÚDO

PREFÁCIO GERAL .....	3
PREFÁCIO DO AUTOR .....	5
PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS .....	7
INTRODUÇÃO	
A Natureza e o Ensino da Epístola .....	13
Destinatários .....	16
Efésios e Colossenses .....	19
Efésios e Outros Escritores do Novo Testamento .....	23
Argumentos em Favor de uma Data Posterior .....	27
Outras Provas da Autoria .....	29
Obra de um Imitador ou do Próprio Apóstolo? .....	32
ANÁLISE	
COMENTÁRIO .....	37
CONCLUSÃO .....	140

## INTRODUÇÃO

### I. A NATUREZA E O ENSINO DA EPISTOLA

Assim que iniciamos a leitura da epístola aos Efésios, descobrimos que ela começa da mesma maneira que as outras cartas do Novo Testamento reconhecidas como paulinas: “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, aos santos...”. Mas ao continuarmos a ler defrontamos muitos aspectos que a fazem sobressair por ser, neles, diferente de todas as outras. Em primeiro lugar, além do fato de referir-se a Paulo como tendo o privilégio de ser um ministro do evangelho da graça de Cristo (3:2-12), de estar aprisionado em consequência de seu ministério (3:1;4:1; 6:20), e de ter Tíquico como o portador da carta (6:21), não há qualquer outra referência pessoal, nem saudações, nem reminiscências, nem recados particulares, tal como em grande número existem em outras cartas que sabemos serem de Paulo. Além do mais, aparentemente, não há problemas específicos, sejam de ordem doutrinária, sejam de ordem prática, que tivessem dado motivo a esta epístola pela necessidade de serem tratados, fato que ocorre com todas as outras cartas paulinas<sup>1</sup> as quais foram escritas para tratar de assuntos específicos e situações reais, conforme podemos inferir das próprias epístolas.

Sob muitos aspectos, Efésios parece mais um sermão — e em algumas partes mais uma oração ou uma vigorosa doxologia — do que uma carta escrita para atender a alguma necessidade especial de determinada igreja ou de um grupo de igrejas. Parece um sermão sobre o mais excelente e mais amplo de todos os temas para o cristão — o eterno propósito de Deus, o qual Ele está cumprindo por meio de Seu Filho Jesus Cristo e vem executando na Igreja e através dela. No decorrer de toda a epístola, passa-se de um pensamento a outro, sem que haja referência à situação dos leitores destinatários. Os capítulos 1 a 3 são constituídos principalmente da elaboração doutrinária do grande tema, e os capítulos

---

<sup>1</sup> Para as finalidades desta Introdução, as epístolas que levam o nome do apóstolo Paulo serão aqui chamadas de epístolas paulinas.

4 a 6 ensinam quais deveriam ser as conseqüências práticas para a vida e as relações humanas, desse propósito divino. Não há, entretanto, qualquer divisão definida entre doutrina e ética, ao contrário, há um entrelaçamento estreito e profundo entre ambas.

Às vezes tem sido mencionado o fato de haver, nesta epístola, aspectos doutrinários que não são encontrados em nenhuma outra carta paulina. Quanto à questão da autoria, será tratada mais adiante, de maneira mais completa. Mas, sem nos precipitarmos no exame do assunto, diríamos de antemão que temos aqui todas as grandes doutrinas da fé cristã que encontramos também nas outras cartas paulinas. Todavia, enquanto que naquelas cartas essas doutrinas são tratadas na medida em que ajudam a solucionar os problemas específicos com que o apóstolo se defronta na vida das igrejas às quais ele escreve, aqui elas são desenvolvidas de modo a servirem de subsídio para expor o grande tema de toda a epístola: o propósito de Deus em Cristo para Sua Igreja. Podemos ver isso melhor, por meio de um rápido exame de algumas das doutrinas principais.

Primeiro, tomemos o ensino da reconciliação mediante a cruz de Cristo. A obra da cruz é apresentada como suficiente para obter nossa redenção, e o perdão de nossos pecados (1:7; 2:13, 16; Rm 5:6-10; 1 Co 15:3; Cl 1:14), com o qual recebemos a capacidade de nos tornarmos filhos de Deus e herdeiros do Seu reino (1:5, 18; Rm 8:14-17; Gl 3:26; 4:5-7). Temos uma afirmação clara e tipicamente paulina da doutrina da justificação pela fé: “pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (2:8; Rm 3:21-26; Gl 2:16; 3:11, 24) — embora seja acrescentado enfaticamente o propósito ulterior: “Pois somos feitura de Ele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (2:10). Então, depois de afirmar que Ele fez a paz pelo sangue da cruz, para que os que estavam mortos no pecado pudessem receber nova vida (2:1; Rm 5:12-21; 6:21-23), e ter acesso a Deus (Rm 5:1), acrescenta o mais importante de tudo: a afirmação de que a cruz é também o caminho da paz entre o homem e o seu semelhante, é o meio de derrubar a parede de separação entre judeu e gentio, é o instrumento para matar a velha inimizade existente entre eles. De modo a poder-se dizer que, devido ao fato de Cristo ter vindo para trazer paz, agora, “por Ele, ambos temos acesso ao Pai em um Espírito” (2:18). Esta mesma ênfase sobre a cruz como meio de unidade na comunhão da Igreja também é vista da maneira pela qual esta epístola fala do privilégio apostólico do ministério do evangelho. Paulo sempre falou do privilégio da pregação do evangelho e, em particular, de ter sido chamado para evangelizar os gentios (Rm 1:13-26; 11:13; 15:15-20; Gl 1:15; 2:9; Cl 1:24-29); nesta carta, porém, há uma ênfase adicional à chamada do apóstolo e ao privilégio de

comunicar a outros o “mistério”, o grande segredo revelado da fé, de “que os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo” (3:6).

No que diz respeito à ressurreição e à exaltação de Cristo temos a verdade apresentada de uma forma que já nos é familiar de outras epístolas paulinas (1:20-22; Fp 2:9-11; Cl 1:15-18). Mas aqui em Efésios, o clímax da exaltação de Cristo é a afirmação de que Deus “pôs todas as coisas debaixo dos Seus pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, O deu à igreja, a qual é o Seu corpo, a plenitude dAquele que a tudo enche em todas as coisas” (1:22). O propósito de Deus é que os que estão mortos em delitos e pecados sejam ressuscitados juntamente com Cristo (Rm 6:3-11; Cl 2:12; 3:1-3), e com Cristo sejam colocados nos lugares celestiais (2:5); mas a discussão sobre a ressurreição e a exaltação nesta epístola vai muito além. Ele “subiu acima de todos os céus, para preencher todas as coisas, e, dessa maneira, para dar dons à Sua Igreja, a fim de que ela possa crescer até à medida da estatura da plenitude de Cristo” (4:9-16).

Também encontramos aqui o ensino tipicamente paulino a respeito do Espírito Santo. É pelo Espírito que Deus habita naqueles que crêem em Cristo (2:22; 3:16; 5:18; Rm 8:9-11; 1 Co 3:16; 6:19); o Espírito é o “selo” e o “penhor” dados aos crentes por Deus (1:13; 4:30; Rm 8:23; 2 Co 1:22; 5:5). Ele os ajuda em oração (4:18; Rm 8:26), e é o meio, não apenas de acesso a Deus (2:18), mas também de conhecimento das coisas de Deus e de iluminação quanto aos detalhes da vida prática (1:8, 17; 3:5; 1 Co 2:10-13). Mais uma vez, aqui, o ensino da obra do Espírito alcança seu maior desenvolvimento ao afirmar da sua conexão com a Igreja e de sua unidade. A unidade da Igreja é a unidade do Espírito (4:3); o Espírito é o Provedor dos dons de que a Igreja necessita para seu crescimento (4:7; 2 Co 12:4-11), e o objetivo do uso destes dons em sua diversidade é “a unidade da fé”, ou seja, o desenvolvimento da Igreja como um todo, pelo crescimento de cada um dos seus membros até “à perfeita varonilidade”.

O que já foi dito a respeito de outras doutrinas é indicação suficiente de que a doutrina da Igreja tem, nesta epístola, o maior destaque. Mas a grande diferença entre estas e as outras epístolas paulinas é mais de ênfase e de posição do que de ensino básico. Aqui não há nada, ou quase nada, de novo, pois temos apenas uma ênfase maior sobre a Igreja universal e sua unidade, e uma variedade maior de meios de expressar o propósito da Igreja do que em qualquer outra carta de Paulo. A mente do autor está claramente tomada pela idéia do elevado propósito de Deus para com Sua Igreja. Ele fala, como já vimos, da exaltação de Cristo, e aponta como clímax de tudo a Sua autoridade sobre a Igreja, a qual é o Seu corpo (1:22; 1 Co 12:27; Cl 1:18, 24; 2:17). Ele fala da reconciliação de homens não apenas com Deus, mas também uns com os outros, e enfatiza que isto se dá na Igreja, “a família de Deus” (2:19; Gl 6:10). A Igreja é, também o templo construído sobre o fundamento dos apóstolos e profetas (2:21; 1 Co 3:16; 2 Co 6:16), a habitação de Deus no Espírito.

Ressaltamos o que o autor diz no capítulo quatro acerca da Igreja e da unidade que nele deve existir. E notamos que ele prossegue tratando de um assunto bem diferente — a vida conjugal do crente — e toma como ilustração, a figura do Antigo Testamento que apresenta o Povo de Deus como a noiva (2 Co 11:2), e, dessa maneira explica as grandes verdades acerca do relacionamento do Senhor com Sua Igreja. Finalmente devemos notar o significado cósmico que ele atribui à Igreja. Ela obedece a um grande propósito divino no mundo: o de proclamar Cristo e trazer homens à unidade nEle; mas tem também um propósito eterno, uma tarefa que não se cumpre neste mundo e nesta era — o de fazer conhecido “dos principados e potestades nos lugares celestiais” qual é “a multiforme sabedoria de Deus” (3:10).

De modo que é legítimo dizer que a doutrina desta epístola é essencialmente paulina, mas já aqui desenvolvida dentro de um esquema ainda mais adequado à tarefa de expor o grande tema de toda a carta. Imediatamente vem-nos à mente a idéia de perguntar, por que esta carta, diferentemente de todas as outras, deveria se preocupar apenas com doutrina e ética sem se referir a qualquer situação específica? Por que, também a sua forma é tão diferente das demais? Por que motivo teria sido escrita uma carta como esta? E o próximo passo importante nesta seqüência de perguntas deveria ser a tentativa de responder a uma pergunta ainda mais profunda: o título “Aos Efésios” teria sido o verdadeiro e original?

## II. DESTINATÁRIOS

A partir do segundo século esta epístola já era aceita quase que universalmente sob o título de “Aos Efésios”. Entretanto, há indícios de que, possivelmente não tenha sido este o título verdadeiramente original, e de que, pelos menos até certo ponto, trata-se de uma designação incorreta. O mais antigo manuscrito de Efésios que possuímos, o papiro “Chester Beatty” de cerca do ano 200, os grandes códices do quarto século, Sinaitico e Vaticano, e algumas outras fontes autorizadas, não têm as palavras “em Éfeso...” de 1:1. Márcion, que se tornou famoso na metade do segundo século por seus ensinamentos heréticos, refere-se a esta carta como a epístola aos Laodicenses. Isto pode ter acontecido porque ele tinha uma cópia com a expressão “em Laodicéia” introduzida em 1:1, ou, mais provavelmente, seria uma dedução da referência à carta “de Laodicéia” em Colossenses 4:16. Pelo menos não haveria razões doutrinárias evidentes para que ele dissesse que fora escrita a crentes que não

os de Éfeso, se é esse o título original. Neste ponto o caso se complica, pois o Fragmento Muratoriano sobre o cânon (cerca do segundo século) se refere a duas epístolas, uma aos Efésios e outra aos Laodicenses. Entretanto, quando chegamos ao terceiro século encontramos o grande erudito da Bíblia, Orígenes, a dizer que as palavras “em Éfeso” não se encontravam nos manuscritos que ele conhecia. Tertuliano, na mesma época, acusou os marcionistas de terem mudado o título, mas não fez referência ao texto. Basílio e Jerônimo, no quarto século, deixam claro que os melhores manuscritos que tinham à mão não incluíam essas palavras.

Se imaginarmos esta epístola sem as palavras em 1:1 e sem título, teríamos de admitir não haver provas claras, a partir do conteúdo da carta, de ela ter sido enviada a Éfeso, e sim boas razões que surgem de que ela, dificilmente, teria sido destinada apenas à igreja naquela cidade. Durante três anos Paulo morou e trabalhou em Éfeso (At 19 e 20:31). Quando analisamos isoladamente a maneira tão comovente como Paulo se dirigiu aos anciãos da igreja de Éfeso em At 20:18-35, bem podemos perguntar se ele poderia ter escrito uma carta a esta igreja sem referir-se ao tempo que lá esteve, sem mencionar as pessoas que conheceria tão bem na igreja, e sem notícias pessoais de qualquer espécie. Ao contrário, a carta está escrita como se alguns, pelo menos, de seus leitores destinatários, não fossem bem conhecidos do autor (1:15; 3:2; 4:20). A evidência da natureza da epístola, como uma unidade, fortemente apóia a prova textual de 1:1 de que esta carta dificilmente teria sido uma mensagem escrita pelo apóstolo Paulo para seus muitos amigos e convertidos na igreja de Éfeso.

Assim, há duas perguntas que devemos tentar responder: para quem a epístola teria sido escrita? E, como veio ela a ser conhecida por “epístola do apóstolo Paulo aos Efésios?” Nenhuma das duas perguntas pode ser respondida com certeza, entretanto, damos aqui algumas das explicações que têm sido sugeridas sobre o assunto:

a. Não foi enviada a uma igreja em particular, mas a qualquer cristão que viesse a lê-la. Alguns têm sustentado que 1:1 faz sentido sem as palavras “em Éfeso” ou mesmo sem referência a qualquer outra localidade, lendo-se então, “aos santos que também são fiéis em Cristo Jesus”. Gramaticalmente esta é uma interpretação bem difícil, pois “fiéis” é uma expressão que, juntada a “santos”, dificilmente requereria a ênfase que é dada pelo artigo, pelo particípio e pela conjunção “e” juntos. Os textos paralelos nas epístolas aos Romanos, 1 e 2 Coríntios e Filipenses nos levam quase inevitavelmente à conclusão de que, originalmente, havia de fato um nome de lugar no versículo. Além do mais, há passagens que, evidentemente foram escritas, tendo o autor, leitores específicos em mente, mesmo que tenham sido leitores de várias e diferentes igrejas (1:15; 6:21).

## COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.